

## ESPLENDOR E DISMORFIA

### *Práticas de monstrificação*

Texto de Cláudia Galhós para o programa do Festival Guidance 2020

O encontro entre Vera Mantero e Jonathan Uliel é fruto do acaso, talvez de um acaso parecido com o de John Cage aparecer, como um vírus imponderado, no arquivo da coleção de materiais - fotos, vídeos, textos e sons - que Vera foi guardando na pasta referente à recolha feita para “Os Serrenhos do Caldeirão...”. Ela já tinha ouvido falar dele, e cruzaram-se num mesmo festival, DañsFabrik Festival, em Brest (França) em 2018, onde os dois apresentaram as suas obras. O interesse pelo trabalho de Jonathan já vinha de antes, dessa personalidade multidisciplinar, que anda pela performance, as artes visuais e a música, em cada lugar com uma mesma eloquência, por vezes quase apocalíptica. Viu um concerto dos The Macumbas, um dos projetos musicais de Jonathan, na ZDB (Lisboa) a que se rendeu. Quando Avignon convidou Vera a criar uma peça para o contexto do Vive le Sujet!, pareceu-lhe a oportunidade ideal para se conhecerem.

“Esplendor e Dismorfia” é uma obra criada e interpretada pelos dois, de real encontro colaborativo. “A única ideia com que cheguei”, diz Vera, “foi no sentido de responder à circunstância de que o Vive le Sujet! é apresentado ao ar livre e é um programa composto por duas peças, uma logo a seguir à outra, pelo que não havia tempo para mudanças de um espetáculo para o outro, e não podíamos ter sequer cenário. Para além disso, não há trabalho de luz, porque a apresentação é com a luz do dia. Havia estas condicionantes, e a ideia que tive foi: se não podemos ter cenário, podemos talvez carregar o cenário às costas. E se temos de carregar, talvez possamos estar cobertos pelo cenário”, explica Vera. Daí aquela camada de músculos de ar meio esponjoso que lhes disforma a fisionomia e que ganha simultaneamente um significado relativo à conceção de corpo mas também à de cenário.

A obra foi-se criando numa troca. Jonathan pegou nessa ideia e sugeriu que pudessem ficcionar ter sido invadidos por um fungo, que os transforma. Foi por aí que chegaram a uma ideia de monstros, invasores, e a metamorfose do corpo. Para a pesquisa, Vera regressou a peças antigas, “Sob” (1993) e “Para enfastiadas e profundas tristezas” (1994), onde já pesquisara monstros. No programa da peça “Para enfastiadas e profundas tristezas” citava Jean Dubuffet: “face a face com os nossos mais profundos mecanismos, que nos aparece como uma revelação apaixonante e que deita uma luz sobre o nosso próprio ser e sobre o mundo, que nos leva a ver as coisas que nos rodeiam com outros olhos que não são os habituais”.

A recorrente interrogação da possibilidade da dança surgia a par de uma ideia de monstro que permitia interrogar sobre “a necessidade de olharmos em nós para aquilo que normalmente não gostamos de ver/dizer, o que há de obscuro em nós, de feio mesmo. E outras questões, como a imensidade, a impossibilidade, o desvio”. São questões antigas que recorrem no trabalho de Vera, já ali enunciadas, como essa da “necessidade vital para os seres humanos, para a sua sobrevivência psíquica, de uma desordem que se alterne à ordem, de sujidade no meio daquilo que aparentemente parece limpo. O medo de nos sujarmos/desordenarmos impede-nos o acesso à intensidade”.

Uma das referências fundamentais para “Sob” foi o livro “O Monstro na Arte Ocidental”, de Gilbert Lascaul, em particular uma lista onde ele descreve todas as formas possíveis que o monstro toma na arte ocidental, que para a Vera mais “parece

um livro de receitas para fazer monstros”. A lista surge novamente em “Esplendor e Dismorfia”, por sugestão de Jonathan o que, a princípio, Vera não concordou: “Era estranho, porque o uso que tinha dado era de um texto-ferramenta. Gravámos o texto e, de repente, quando o ouço, gostei de tal forma que achei que tinha de abrir a peça”. Foi isso que aconteceu.

Ainda há pouco tempo, Vera Mantero voltou a um lugar que lhe é muito estranhamente familiar, às alturas desse ser-pessoa-pássaro, diferente e tão próximo desse já mencionado homem-árvore, que é em “Comer o Coração” criado originalmente para a representação portuguesa da Bienal de Artes de São Paulo, em 2004, em conjunto com Rui Chafes, habitando o alto da escultura-estrutura de ferro por ele criada. Era já um outro ser, com a pele transformada pelo traço livre do desenho à mão de Chafes, que nessa subtil tatuagem temporária operava uma outra transformação sobre o corpo. Voz e movimento soltos no constrangimento físico. Lá em cima, Vera estava presa, o orgânico dos seus membros como que agrilhoados ao metal e, no entanto, vista de baixo, parecia tão livre nesse mundo distante. “Comer o Coração” teve nova reincarnação no ano passado, com “Comer o Coração em cena” (que passou também por Guimarães) e também passeando-se por paisagens mais naturais, com o “Comer o Coração nas árvores”.

## ***Monstrification practices***

**Text by Cláudia Galhós for the Guidance Festival**

The encounter between Vera Mantero and Jonathan Uliel is a matter of chance, perhaps akin to that of John Cage appearing, like a weightless virus, in the collection of materials - photos, videos, texts and sounds - that Vera has stored in her archive, referring to the collection she assembled for “The Caldeirão Highlanders, exercises in fictional anthropology”. She had already heard of him, and they met at the same festival - the DañsFabrik Festival, in Brest (France) in 2018, where they both presented their works. Her interest in Jonathan’s work is older, and was motivated by his multidisciplinary personality, that explores performance, the visual arts, and music, each with the same eloquence, sometimes almost apocalyptic. She saw a concert of “The Macumbas”, one of Jonathan’s musical projects, at ZDB (Lisbon) and was amazed by it. When the Avignon Festival invited Vera to create a work for the theme of “Vive le Sujet!”, it seemed to be the perfect opportunity to meet.

“Splendour and Dismorphia” is a work created and interpreted by both artists, the result of a genuine collaborative meeting. “The only idea I came up with,” explains Vera, “was to respond to the fact that Vive le Sujet! is presented in the open air and is comprised by two plays, one after the other, so there was no time to move from one to the other, and we could not even have a set. There is also no lighting design because the play is presented in broad daylight. These were the constraints, so I had the idea: if we can’t have scenery, we can perhaps carry the scenery with us. And if we have to carry things, perhaps we could be covered by the scenery”. That was the reason for the layer of half-spongy air muscles that deforms the dancers’ physiognomy and which simultaneously acquires meaning in relation to the conception of the body, and also to that of scenery.

The work was created through a process of exchange. Jonathan took this idea and suggested that it was possible to imagine that they were invaded by a fungus that transformed them. That’s how they came up with the idea of monsters, invaders, and metamorphosis of the body. During her research, Vera returned to one of her earliest plays, “Sob” (1993) and “For bored and profound sadnesses” (1994), in which she had already researched monsters. In the programme for this play, she quoted Jean Dubuffet: “face to face with our deepest mechanisms, which appear to us like a passionate revelation and shed light on our own being and the world, which makes us see the things around us with other, different eyes.”

The recurrent questioning of the possibility of dance arose alongside an idea of a monster that made it possible to question “the need to look within us for that which we normally don’t like to see or say, obscure elements within us, ugly elements. And other issues, such as immensity, impossibility, deviance”. These are recurring questions in Vera’s work, already stated therein, as the “vital need felt by human beings, to ensure their psychic survival, of a sense of disorder that alternates with order, of filth in the midst of what seems apparently clean. The fear of getting dirty or cluttered prevents us from achieving intensity ”.

One of the key references for “Sob” was Gilbert Lascaul’s book “Monster in Western Art”, in particular a list in which he describes all the possible forms of the monster in Western art, which for Vera “looks like a recipe book to make monsters.” The list appears again in “Splendour and Dismorphia,” at Jonathan’s suggestion, although at first Vera didn’t agree with him: “It was strange, because he used it as a tool-text.

We recorded the text and suddenly, when I heard it, I liked it so much that I thought it had to be used at the start of the work". And that's exactly what happened.

Vera Mantero recently returned to a place that is very strangely familiar to her, similar to this creaturebird-person, which is different and yet has much in common with the tree-man - in "Eating your heart out" originally created for the Portuguese representation in the São Paulo Arts Biennial, in 2004, in which she performed together with Rui Chafes - inhabiting the top part of an iron sculpture-structure he had created. It was already another being, its skin transformed by Chafes' hand drawing, that in this subtle, temporary tattoo operated another transformation of her body. Voice and movement released in physical embarrassment. In the upper part of the installation, Vera was trapped, the organic structure of her limbs seemed to be fettered to the iron sculpture, and yet, as we looked up at her, she seemed so free in this distant world. "Eating your heart out" had a new reincarnation in 2019, with "Eating your heart out on stage" (which was also performed in Guimarães) and also included a version that moved through more natural landscapes: "Eating your heart out on the trees".